

# Os 5 anos devem forçar 'plano consistente'

ANC P23

A conquista do mandato de cinco anos deverá forçar o presidente José Sarney a desfechar um plano econômico mais consistente, como



se reclama há muito tempo. A afirmação é do economista Paulo Guedes (foto), vice-presidente executivo do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (IBMEC) e defensor de uma ação mais dura do governo na área econômica. "Reconheço que será difícil implantar esse programa, mas já que o governo se empenhou tanto em garantir os cinco anos, tem obrigação de caminhar em sua direção, mesmo com o risco de impopularidade", disse ele.

Na agenda econômica de Guedes, estariam medidas visando a derrubada da inflação — e não sua

estabilização nos atuais índices —, a descentralização tributária, a modernização tecnológica e a maior abertura da economia. "A nova política industrial está no rumo certo, mas se não for bem operacionalizada, pode virar apenas um 'blá-blá' que soa bem", alertou ele. Entre as prioridades do economista do IBMEC, enquadra-se ainda o aprofundamento do programa de privatização, para substituir o atual "regime cartorial por um capitalismo popular", a exemplo de que vem se instalando em alguns países europeus. A conversão da dívida externa também deve ser fortalecida, mas é patente que seu potencial (perto de US\$ 30 bilhões em três anos) só será atingido com o reequilíbrio da economia.

Segundo Paulo Guedes, a política "feijão-com-arroz", do ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega,

está na linha correta. "Teve o mérito de impedir o caos da hiperinflação", justificou ele. Porém, é insuficiente para atingir objetivos mais ambiciosos. Todo o esforço de ajuste fiscal do governo deverá apenas permitir que a inflação chegue ao final do ano na faixa de 16% a 20% ao mês, e não na escala de 10% a 12%, como seria desejável. Além disso, foi afastada uma ameaça de déficit público de 8% do PIB, mas dificilmente será cumprida a meta de 4% prometida ao Fundo Monetário Internacional. Qualquer deslize e será atingido um nível próximo ao do ano passado (5,4% do PIB).

Mais preocupante ainda, de acordo com o vice-presidente executivo do IBMEC, é a situação da área monetária. "O Banco Central está omissivo, nem sequer entrou em campo para combater a inflação." A previsão do economista é que tam-

bém o compromisso de expansão monetária firmado com o Fundo (375%) não será honrado. Neste momento, a expansão já andaria por volta de 500% ao ano, descontando-se as variações sazonais. E no segundo semestre costumam ser ainda mais fortes as pressões para financiamento do setor público.

Na opinião de Guedes, o Banco Central tem que agir com urgência, para evitar uma explosão monetária. A primeira providência seria aumentar o rendimento do **overnight** em 1% a 1,5% ao mês acima da inflação, com vistas a atrair os capitais disponíveis para os papéis do governo. Depois, seria recomendável lançar títulos de prazo mais longo, como as Obrigações do Tesouro Nacional com correção cambial, prometidas pelo próprio diretor da dívida pública do Banco Central, Juares Soares, logo após sua posse.